

ATORES URBANOS, TRAJETÓRIAS E PROJETOS DE VIDA NA CIDADE: ABORDAGENS ETNOGRÁFICAS EM PERSPECTIVA

Lígia Ferro¹

José Luís Abalos Júnior²

Jesus Marmanillo Pereira³

Resumo

Esse artigo reflete sobre o processo de organização do dossiê denominado “Atores Urbanos: estéticas, trajetórias e projetos de vida na cidade” publicado em dezembro de 2022 pela revista *Illuminuras*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Desde o momento da concepção do dossiê procuramos construir uma proposta de chamada que dialogasse com as temáticas dos atores urbanos, com foco especial nos processos de interlocução entre pesquisadores e parceiros de pesquisa no espaço da cidade. Neste sentido a proposta do dossiê se mostrou um espaço privilegiado para reflexão sobre alteridades privilegiadas na pesquisa social, e mais especificamente nas práticas etnográficas urbanas. Começamos o texto abordando os conceitos chaves que fizeram parte do processo de editoração, como atores sociais, etnografia urbana e projetos de vida. Posteriormente indicamos três eixos de leitura identificados como artes e intervenções urbanas; cidades, imagens e sociabilidades e, por fim, migrações e trabalho. Concluímos abordando que as conexões criativas dos trabalhos com eixos citados nos ajudam a pensar novas parcerias de pesquisa e formas de contato com subjetividades na cidade no contexto da pesquisa em ciências sociais.

Palavras-Chaves: Cidade, Etnografia Urbana, Atores Urbanos, Trajetórias, Projetos de Vida.

Abstract

This article reflects on the process of organization of the dossier entitled "Urban Actors: aesthetics, trajectories and life projects in the city" published in December 2022 by *Illuminuras* journal, linked to the Postgraduate Program in Social Anthropology at the Federal University of Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). Since the conception of the dossier, we have tried to build a proposal for a call that would dialogue with the themes of urban actors, with a special focus on the processes of dialogue between researchers and research partners in the space of the city. In this sense, the proposal of the dossier proved to be a privileged space for reflection on privileged alterities in social research, and more specifically in urban ethnographic practices. We begin the text by addressing the key concepts that were part of the editorial process, such as social actors, urban ethnography and life projects. Subsequently, we indicate three axes of reading identified as arts and urban interventions; cities, images and sociabilities and, finally, migrations and work. We conclude by addressing that the creative connections of the works with cited axes help us to think of new research partnerships and forms of contact with subjectivities in the city in the context of social science research.

Keywords: City, Urban Ethnography, Urban Actors, Trajectories, Life Projects.

¹ Universidade do Porto. E-mail: lferro@letras.up.pt. Orcid: 0000-0002-2704-4308.

² Universidad Nacional de San Martín (UNSAM), Buenos Aires, Argentina. E-mail: abalosjunior@gmail.com. Orcid: 0000-0003-2821-0969

³ Universidade Federal do Maranhão. E-mail: marmanillo.jesus@ufma.br. Orcid: 0000-0001-5220-5567

Recebido em: 1º de setembro de 2022

Aceito em: 1º de novembro de 2022

Foi em uma esquina que Doc conheceu Foote-Whyte. A esquina virou nome de livro, Doc tornou-se protagonista de uma etnografia clássica e o autor ficou (re)conhecido por evidenciar a importância do “interlocutor chave” na narrativa sobre a cidade e seu cotidiano. Doc, Deedee, Curtis, entre outros “personagens urbanos” de William Foote-Whyte (2005) e de Loïc Wacquant (2002), corporificam esquinas e guetos, e consequentemente a cidade através de seus espaços. Em muitas dissertações e teses há um espaço para a descrição de (des)encontros entre pesquisadoras e pesquisadores com a alteridade dos habitantes da cidade. Propomos nesse artigo uma reflexão sobre o processo de produção do dossiê denominado “Atores Urbanos: estéticas, trajetórias e projetos de vida na cidade” publicado nesta edição da Revista *Illuminuras*, vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGAS/UFRGS). O dossiê se propõe um espaço de reflexões em torno de experiências de campo de pesquisa nas quais práticas, discursos, trajetórias e projetos de vida são protagonistas. Como proponentes e organizadores, recebemos mais de vinte contribuições que refletiram sobre histórias na cidade e, mais que isso, que pensaram práticas criativas de inserção de tais narrativas no trabalho etnográfico, dialogando com uma diversidade de técnicas de pesquisa qualitativa tais como observação participante, diários de campo, entrevistas, acervos documentais, cartografias, uso e análise de dados visuais (fotografia, vídeo), etc.

Nesses encontros entre interlocutores-chave e pesquisadores, a interação face a face (Goffman, 2009), o controle de impressões, os detalhes do cotidiano são pontos estruturantes nas etnografias que tomam a cidade como um grande teatro (Hannerz, 2015) que ganha vida por meio das dinâmicas sociais caracterizadas nas maneiras como os atores constroem seus cotidianos na urbe. Seja um teatro, ou um laboratório, a realidade urbana também possui aspectos e valores estruturados e estruturantes que exigem que os indivíduos desenvolvam as sociabilidades, no sentido mais Simmeliano, ou seja, “ser com o outro”. Escorregando entre a ideia de utilitarismo individualista e um determinismo sociocultural, tais atores ao mesmo tempo em que constituem e negociam uma existência urbana, são constituídos pelas influências objetivas dessa força maior. Assim, por mais que exista um sistema de status e expectativas sobre determinados papéis, há sempre

margem para a resignificação que necessita que observemos as inter-relações por meio de lentes microssociológicas.

Sobre essa escala analítica, Velho (2013) nota que mesmo que ocorra o diálogo com dimensões sociológicas mais amplas, o pesquisador estará sempre em contato com “indivíduos concretos, carregados de densidade existencial que não podem ser, facilmente, resumidos em determinados rótulos. É esse viés que possibilita uma reflexão epistemológica sobre a heterogeneidade e complexidade, valorizando, portanto, as dimensões intersubjetivas. Esses atores que desenvolvem suas interações com pesquisadores, vizinhos, oponentes, entre outros, são verdadeiros personagens com uma rica capacidade de narrar a própria cidade, como já demonstraram as pesquisadoras Cornelia Eckert e Ana Luiza Carvalho (2009) ao situarem grandes pesquisadores para explanarem sobre a cidade, a partir de seus cotidianos⁴. Na convergência entre uma antropologia urbana e visual, elas observam que os antropólogos são narradores de histórias vividas.

Partimos da ideia de que tanto atores ou personagens urbanos, além de caracterizarem uma perspectiva socioantropológica, são termos que exigem pensar a pesquisa de campo e a própria cidade através da heterogeneidade e da complexidade dos entrecruzamentos entre projetos individuais, coletivos e campos de possibilidades. Perspectiva que só pode existir por meio da observação etnográfica do cotidiano, entendido como construído por meio das ações e interações que marcam a própria pesquisa.

No que se refere ao campo metodológico, sabemos como a etnografia surge como uma estratégia metodológica primordial de abordagem à realidade na antropologia, e como antropólogos como Bronislaw Malinowski deram um contributo marcante para descrever a lógica da pesquisa etnográfica. O autor polonês argumentou pela importância de se fazer observação participante e conhecer as realidades lado a lado com os atores sociais da pesquisa, assim como aliar a esta técnica um método sistemático de registo e análise de dados – o diário de campo. Bronislaw Malinowski nos "Argonautas do Pacífico Ocidental" (1989) demonstrou como a observação participante foi fundamental para compreender sociedades exóticas mais profundas e torná-las familiares. Antropólogos

⁴ O site do Banco de Imagens e Efeitos Visuais (BIEV/PPGAS/UFRGS) traz referências sobre toda produção do projeto “Narradores Urbanos”. Acessar em https://www.ufrgs.br/biev/producoes/?view_mode=cards&perpage=48&paged=1&order=ASC&orderby=date&fetch_only=thumbnail%2Ccreation_date%2Ctitle%2Cdescription&fetch_only_meta=

como Raymond Firth, Gregory Bateson e Margaret Mead, para nomear apenas alguns, deixaram-nos um legado essencial neste campo; os seus trabalhos permitiram conhecer sociedades muito diferentes e longínquas, favorecendo comparações e relativizando os nossos modos de viver e de fazer, gerando debates nas suas próprias sociedades sobre a estrutura e significados das relações familiares e das experiências de diferentes fases da vida em múltiplos contextos, por exemplo. A etnografia permitia assim, conhecer de uma forma próxima, através da observação participante, sociedades e grupos muito distintos dos que conhecíamos no “mundo ocidental”.

Os “etnógrafos clássicos” deixaram claro como o conhecimento aprofundado destas sociedades exigia o cruzamento de conhecimentos disciplinares diversos. Os primeiros passos da etnografia foram dados por antropólogos em grupos e comunidades exóticas distantes. Estas primeiras experiências são uma base importante para as práticas etnográficas nos nossos dias e, conseqüentemente, para a etnografia urbana.

A Escola de Chicago (Becker, 1996; Hannerz, 2015) recuperou esse legado teórico-metodológico aplicando-o a uma realidade urbana extremamente complexa como a de uma cidade que crescia exponencialmente, com todas as conseqüências sociais associadas. Podemos dizer que a partir da Escola de Chicago, a etnografia aplicada a contextos urbanos passou a ser usada por outros profissionais das ciências sociais, nomeadamente por sociólogos (Ocejo, 2019). A tradição da Escola de Chicago, incluindo as experiências de Robert Park, são hoje em dia amplamente exploradas como fontes ricas para a investigação da etnografia urbana. Outras referências menos conhecidas como a do sociólogo Ellsworth Faris, deram também um contributo inestimável para a abertura e diversidade da aplicação da abordagem etnográfica a partir de experiências de trabalho de campo em África.

William Foote-Whyte, tornou-se um autor clássico para a etnografia urbana depois do seu estudo num bairro pobre de Boston habitado principalmente por primeiras e segundas gerações de imigrantes italianos. Em “Sociedade de Esquina” (2005), o autor analisa a diferenciação dos rapazes de esquina e dos rapazes de colégio, os primeiros vivendo n(d)as esquinas das ruas e dos pequenos recados e negócios informais e os segundos mais interessados em ingressar em trajetórias de mobilidade social através da escola. Foote-Whyte demonstrou como a etnografia é uma ferramenta poderosa na abordagem às dinâmicas e contextos urbanos, por permitir um conhecimento por dentro das dinâmicas de sociabilidade informais e das redes de poder estabelecidas em territórios que parecem à primeira vista desorganizados socialmente.

Na etnografia em contexto urbano, que bebeu muito da tradição da Escola de Chicago, nós entendemos como ela se ampliou para ser usada em outros campos disciplinares, assim como passou a servir para estudar contextos familiares e próximos aos etnógrafos/as. O exercício do estranhamento do familiar, num processo complexo de gestão de proximidade e distância social e cultural, tornou-se a base da etnografia urbana contemporânea.

Estando intimamente relacionada com a tradição norte-americana, a etnografia urbana em língua portuguesa resultou em arranjos específicos de pesquisa e trabalho. Este dossiê vem na continuidade de uma rede atlântica ampla e interdisciplinar de trabalho que se tem vindo a construir em língua portuguesa desde os anos 90 do século passado. Os intercâmbios entre antropólogos, sociólogos e outros cientistas sociais a atuar em Portugal e no Brasil têm contribuído para uma reflexão conjunta sobre a abordagem etnográfica à vida urbana e fertilizado um solo produtivo para pesquisas de várias gerações de investigadores. Antropólogos e sociólogos como Gilberto Velho, José Guilherme Cantor Magnani, Heitor Frúgoli Junior, Karina Kushnir, Celso Castro, Graça Cordeiro, António Firmino da Costa, Luís Baptista e João Teixeira Lopes, para nomear apenas alguns, foram percursores de um diálogo transatlântico que continua a dar frutos e no âmbito do qual nos gostamos de localizar.

O trabalho de diálogo tem vindo a alargar-se para várias disciplinas e o olhar etnográfico a partir dessas tradições disciplinares tem-se revestido de novas roupagens, implicando desafios específicos e potencialidades antes impensadas. Essa dimensão fica visível tanto no que podemos chamar etnografia aplicada na qual a perspectiva qualitativa etnográfica é adaptada por uma diversidade de áreas. Essa adaptação, sob a alegação da profícua interdisciplinaridade, não é nova e já foi alvo de muitas reflexões de etnógrafos e etnógrafas que demandam uma maior compreensão de áreas como a administração, a psicologia, a comunicação, a educação e outras ciências sociais e humanas (Ingold, 2016; Peirano, 2014).

A organização deste dossiê pretende ser um espaço de disseminação de pesquisas de cariz etnográfico realizadas a partir de campos disciplinares distintos, ampliando a discussão sobre os temas e o desenvolvimento de um certo modo de olhar para a realidade, *de perto e de dentro* (Magnani, 2002). Esperamos que a publicação do dossiê permita debater novas linhas da pesquisa etnográfica sobre fenómenos sociais contemporâneos em espaços atlânticos de língua portuguesa. Mais do que um ponto de chegada, esperamos que seja um ponto de partida para novos trabalhos.

Seguindo as dimensões conceituais colocadas na chamada do dossiê, identificamos a cidade como um espaço de lugares, não-lugares (Auge, 2007), territórios e territorialidades (Little, 2003; Frúgoli Jr, Spaggiari, 2011), mas também de projetos de vida urbanos que foram uma das motivações de reflexão deste dossiê. Este caminho nos leva a pensar, a partir do campo de uma antropologia das sociedades complexas⁵, a cidade em seu pluralismo de formas de viver a urbe, bem como o investimento em uma antropologia da e na cidade (Eckert, Rocha, 2013), buscando no universo heterogêneo e fragmentado do viver nas grandes cidades contemporâneas, a experiência de alteridade e as múltiplas reciprocidades, a tensão entre estranhamento e familiaridade como elementos constitutivos da possibilidade de produção de conhecimento antropológico e sociológico.

Gilberto Velho (2013) é uma grande referência ao nos apresentar como gostos, estilos vida e visões de mundo, podem compor o trabalho dos/as etnografos/as urbanos/as que desejam realizar uma reflexão sobre a realidade social na cidade. Para este autor as trajetórias sociais e os projetos de vida na cidade coexistem de múltiplas formas em uma sociedade complexa, no sentido de podem seguir diferentes graus de complexidade, explicitados narrativamente ou não. Junto a noção de projeto Velho (2013) nos apresenta a ideia de campo de possibilidades que busca lidar com a problemática da unidade e da fragmentação da vida na metrópole. Os campos de possibilidades dizem respeito às alternativas construídas no processo sócio histórico e com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura (Pag. 123). Já a noção de projeto lida com performance, as explorações, o desempenho e as opções, ancoradas a avaliações e definições da realidade. (Pag, 124). Tanto o campo de possibilidades, quanto os projetos são “negociações com a realidade” que envolvem códigos culturais e processos históricos de longa duração.

Visualizando este arcabouço teórico a projeção de um dossiê que acolhesse trabalhos sobre projetos de vida na cidade buscou dar conta da dimensão de duas formas. A primeira foi adjetivando os atores sociais enquanto atores urbanos, para fins de relações profícuas e complexas entre trajetórias urbanas. A cidade enquanto território de vida, memória e projeção é abarcadora de inúmeros projetos de vida de atores sociais que têm perfis heterogêneos, como jovens, migrantes e artistas (exemplos contidos neste dossiê). A segunda foi incentivando autores e autoras a realizarem um recorte analítico e se concentrarem em subjetividades. Ou seja, dentro das diversas possibilidades que a investigação com grupos sociais nos coloca, o foco em trajetórias específicas e a reflexão

⁵ Justifica Sociedades Complexas

sobre as mesmas. Os famosos interlocutores-chaves, que através dos meandros e dos processos de estar em campo, se apresentam mais receptivos às nossas pesquisas no meio urbano.

Em conjunto as ideias de trajetórias e projetos de vida nos permitiram receber trabalhos que contemplassem questões estéticas, no sentido de pesquisa e produção visual dentro dos seus campos de atuação. Consideramos que existe uma consonância da proposta do dossiê com a linha editorial da Revista *Illuminuras*, que tem por objetivo “reunir produções científicas que contribuam para as linhas de pesquisa da antropologia urbana e da antropologia da imagem e, assim, problematizar as formas de vida e os fenômenos da cultura que transcorrem nas sociedades complexas”⁶. Um segundo motivo se justifica pela atualidade do tema que busca a incorporação de técnicas visuais de produção de dados em um cenário científico marcado pela textualidade escrita (Ranciere, 1995). Por fim, cremos que a nossa formação como etnógrafos e etnógrafas do meio urbano, passa por um crescente interesse nas questões estéticas e artísticas que a diversidade de campos e áreas temáticas que trabalhamos nos apresentam.

Intervenções urbanas, imagens e trabalho: possibilidades de conexões criativas

Um primeiro conjunto de textos deste dossiê consiste em estudos sobre práticas, projetos e redes artísticas e culturais. A cultura é perspectivada a partir da «materialidade das formas culturais», atentando nas performances das práticas culturais e nas formas características de «usar os objetos e os ambientes e espaços» (Chaney 1996, 147). Assim, entende-se que qualquer estudo da cultura material deve ser baseado em estudos etnográficos do uso dos objetos, inovações nas práticas e nos papéis sociais das minorias *empreendedoras* (idem, *ibidem*). Conseqüentemente, há que considerar as formações culturais como projetos éticos e estéticos. Para compreender estas formações é necessário ter em conta a relação e reciprocidade ativa entre os atores e o mundo (Ferro, 2016, 38). Os autores destes textos interrogam também sobre os processos e os lugares das práticas culturais, concentrando-se nas condições sociológicas e antropológicas de produção, no sentido social desses processos e não nos seus produtos acabados (Agier 2001, 20). Neste sentido, vemos como a proposta de Velho (1994) focalizada na compreensão dos «projetos» e dos «campos de possibilidades», constituídos pelas alternativas construídas

⁶ <https://seer.ufrgs.br/index.php/iluminuras/about> Acesso em 28 de Novembro de 2022.

ao longo do «processo socio-histórico» com o potencial interpretativo do mundo simbólico da cultura (Velho 1994, 28), vem complementar uma análise instigante de práticas e projetos culturais em cidades brasileiras e portuguesas de diferente dimensão.

O *parkour* é analisado na cidade do Porto, Portugal e em Campina Grande, Brasil, a partir de uma abordagem etnográfica baseada numa intensa e exigente observação participante. Mariana Cavalcanti vem preencher uma lacuna em termos do estudo etnográfico do *parkour* na cidade do Porto, onde constam raras publicações de outros campos do saber que não os das ciências sociais (Carvalho, 2008). A comparação analítica a partir de duas narrativas de praticantes desta modalidade provenientes de duas cidades distantes e tão diferentes, permite-nos viajar pelas trajetórias e sociabilidades construídas a partir da prática do *parkour*, num complexo emaranhado em que o espaço urbano e o corpo se entrelaçam.

Marco Aurélio Paz Tella e Luiz Carlos de Lima do Nascimento trazem-nos os seus conhecimentos etnográficos produzidos sobre a *crew* de *hip hop* Clan Potiguara que na cidade de Rio Tinto, Paraíba, se confrontam com uma série de obstáculos ao reconhecimento e ao apoio do seu trabalho como *breakdancers*. A resistência e motivação desses praticantes em continuar com a sua atividade fica clara quando Tella analisa as táticas ensaiadas pelos breakers mesmo em meio a circunstâncias pessoais e familiares exigentes. A gestão de esferas privada e pública das vidas destes atores urbanos torna-se uma inspiração para futuras pesquisas neste âmbito.

O movimento *Punk* é eminentemente urbano. O seu surgimento de Nova Iorque a Londres e seu desenvolvimento em inúmeras cidades do globo tem constituído uma prova de como a cidade está no âmago destas formações culturais. João Bittencourt argumenta como a vida urbana e suas dinâmicas influenciam na construção quotidiana deste estilo de vida. As formas como eles usam o espaço urbano exprimindo as suas perspectivas sociais e estéticas questionam certos modelos de cidade higienizada, organizada e “limpa” que deve ser usada de forma “ordeira” e rápida. Bittencourt mostra-nos os sentidos atribuídos à cidade e ao “fazer cidade” pelos atores dessa cultura *punk*, focando-se especialmente na cidade de São Paulo. Adotando uma perspectiva, simultaneamente, sincrónica e diacrónica, ele considera letras de canções, pichações dentre outras manifestações artísticas e culturais, para desenvolver uma estimulante compreensão das representações e estilos de vidas presentes no movimento *punk*, e de como estes atores contribuem para a construção de uma cidade mais diversa e culturalmente rica.

Continuando a ensinar-nos como a etnografia nos pode levar a uma compreensão aprofundada sobre dinâmicas sociais e contemporâneas complexas, Lucas Feitosa estuda o bairro mais populoso de Juazeiro do Norte, no Estado Brasileiro do Ceará. As práticas culturais urbanas abrigam no seu seio diversos modos de mediação à escala local e global. Partindo do local, o bairro de João Cabral, Feitosa mostra como a mediação se vai tecendo a várias escalas para o transformar num “celeiro de cultura popular”. A noção de periferia é olhada de uma outra perspectiva: como é que de uma periferia precária se constrói uma identidade cultural de um bairro? Várias respostas são dadas a esta questão, as quais nos suscitam outras ainda, prova de como este artigo revela heurística científica.

É possível observar um segundo bloco de textos, caracterizados no eixo “Cidade, Imagens e Sociabilidades”. Todos têm, em comum, uma convergência de elementos da antropologia urbana e visual. Apresentam diversas cidades e lugares a partir das formas de vivência e das imagens fotográficas, digitais e, também, aquelas que escapam a cartesianidade dos suportes físicos e se difundem em imaginários e nas sociabilidades diversas. Nesse viés, selecionamos textos como o “Trânsitos *geoafetivos* e convergências metropolitanas: Guerras Culturais, pandemia e o exemplo do fotógrafo cego”, de José Roberto Schneedorf. Ele demonstra uma urbe marcada pela tensão entre processos de invisibilização, de um lado, e a diversidade e as ordens ideológicas que marcaram o século XX, de outro lado. Grosso modo, o autor analisa como a pandemia de HIV/AIDS gerou movimentações e dinâmicas que alteraram as sociabilidades, reconhecimentos identitários e a construção de imagens sobre aqueles tempos.

Como forma de interagir com a cidade, e com outros atores sociais, a produção imagética também ganhou espaço no artigo “Realizando paisagens: o agir coletivo na (re)configuração de imaginários através do audiovisual” escrito por Victória Costa. Nele, a autora analisa a paisagem “amazônica” de Belém por meio da produção audiovisual de dois grupos de realizadores/as de audiovisual.

Já no artigo “Formas de fazer cidade: Interconexões entre o presencial e o digital”, Williane Juvêncio Pontes e Raissa Taimilles Valério Paiva de Souza desenvolvem uma reflexão sobre formas de fazer a cidade de João Pessoa-PB, nas interconexões entre o presencial e o digital. Para tanto, analisam dois grupos de jovens: um de moradores de uma comunidade periférica e outro de usuários do *Pokémon Go*, a partir dos quais, trazem uma forma de pensar o urbano na contemporaneidade, com o âmbito digital sendo presente e participativo nas maneiras dos atores construir e vivenciar a cidade.

O artigo de Aparecida Santana de Jesus e Leonardo Leal Esteves, “Diálogos com um xamã na cidade: Estratégias de uma etnografia sobre o uso da jurema em rituais neoxamânicos durante a pandemia da Covid-19”, aborda os usos da jurema por meio das narrativas de um importante ator urbano. Além das práticas e saberes, o texto possibilita importantes reflexões metodológicas sobre a importância dessa relação entre pesquisadores e interlocutores.

Finalizando essa sessão, o artigo “Um casebre junto à cadeia: sociabilidade entre figuras sociais antagônicas”, de Laura Meira Bonfim Mantellatto, discute as transformações sociais ao longo do processo de modernização da cidade de Ivaiporã-PR, durante o período ditatorial brasileiro. O texto também se vale de uma importante interlocutora, uma senhora chamada Lourdes que foi casada com um militar e que traz uma narrativa biográfica que é marcada por trajetos e sociabilidades urbanas que caracterizam as imagens daquela cidade.

O último eixo do dossiê traz trabalhos que envolvem o tema da migração e do trabalho. Podemos ver estas duas grandes categorias em muitas produções históricas na antropologia brasileira. Nesse campo de estudos, um trabalho inegavelmente influente foi o de Eunice Durhan intitulado “A caminho da Cidade: a vida rural e a migração para São Paulo” de 1973. Em um contexto nacional brasileiro marcado pelo êxodo rural a autora reflete sobre os processos migratórios para grandes metrópoles estavam diretamente relacionados ao processo de industrialização e criação de periferias urbanas. O trabalho na cidade, longe das comunidades de origem, causava uma curiosa adaptação de sistemas de valores novos em detrimento dos antigos projetos de vida no mundo rural. A pesquisa de Durhan, entendida em um contexto de nascimento dos estudos sobre migração, trabalho e cidade no Brasil, nos ensinou o quanto é importante não desvincular práticas migratórias de sistemas econômicos globais e articular escalas micro e macrosociais, assim como métodos qualitativos e quantitativos de investigação.

Já os estudos de trabalho podemos dizer que se trata de um tema que, apesar de uma historicidade nas Ciências Sociais, é “pouco frequente na tradição antropológica” (Leite Lopes, 2011), especialmente porque a categoria de classe social se tornou tão importante que, de alguma forma, encobriu a de trabalho (Fonseca, 2006). A diversidade de formas laborais na cidade, da formalidade à informalidade, da legal ao ilegal, também é um tema recorrente quando pensamos em atores urbanos vinculados às formas de ganhar a vida na metrópole. Podemos indicar como referência a curiosidade de Olívia Harris (2007) em se perguntar “O que faz com que as pessoas trabalhem?” na busca de inspiração

para criação de uma antropologia das formas de trabalho. Nesse sentido, os ofícios e profissões são parte constituinte para o entendimento de atores sociais urbanos na atualidade.

Tal relação de categorias aparece materializada no dossiê através de trabalhos como o de Priscilla Santos denominado “A cidade pelo estrangeiro: projetos, práticas e narrativas urbanas de comerciantes imigrantes no Porto, Portugal” no qual a autora analisa projetos de vida, práticas e narrativas urbanas de pequenos comerciantes imigrantes no Bonfim, zona oriental do Porto, Portugal. Atores urbanos trazidos pela autora como Paul, um britânico dono de um bar, e Bruno, um brasileiro proprietário de uma padaria, são bons exemplos de como personagens no mundo urbano contemporâneo tem as dimensões da migração e do trabalho atravessadas em suas vidas.

Já Cristiano Sobroza Monteiro em seu artigo “Os relógios de Mustapha: Fragmentos de uma biografia migrante na cidade e o que a Antropologia e Mustapha tem a dizer sobre o tempo” discute como experiência migratória produz mudanças subjetivas na percepção que o sujeito migrante tem sobre o tempo, e como tal categoria foi refletida por algumas perspectivas teóricas na história da Antropologia. Para tal se baseia na experiência migratória de um hábil vendedor de rua senegalês chamado Mustapha, que vive na cidade de Caxias do Sul, no sul do Brasil. O trabalho informal nas ruas da cidade caracteriza um determinado grupo de migrantes urbanos que são novos atores sociais da metrópole contemporânea, e a trajetória social do interlocutor do autor representa tais dinâmicas.

No que diz respeito a categoria de trabalho podemos citar o artigo de Pablo Duarte Brasil e Ana Patrícia Barbosa denominado “Serviço social e a questão urbana: um estudo sobre o Direito à moradia em âmbito municipal”. O texto reflete sobre o papel dos profissionais de assistência social como atores urbanos importantes na luta sobre direito à cidade e a moradia. Já o texto de Gleidson Moreira denominado “Notas de campo sobre o ofício de lavagem na Cidade de Goiás” busca o refletir sobre a trajetória das “lavadeiras” através do relato de duas personagens, mãe e filha, que indicam uma subalternização de gênero nas formas de trabalho na cidade, seja no espaço público, seja no âmbito privado.

Conclusões

No decorrer deste artigo buscamos apresentar, primeiramente, o percurso de construção de um dossiê que objetivou ser um espaço de acolhida para trabalhos que abordassem a relação entre pesquisadores e parceiros de pesquisa na área das

humanidades, das ciências sociais aplicadas, e mais fortemente, na área da antropologia. Foram recebidos mais de vinte trabalhos nos quais analisamos com carinho as particularidades dos contatos com alteridades descritas e refletimos sobre suas possíveis conexões temáticas. E desta reflexão que entendemos o papel das intervenções urbanas, da produção de imagens na pesquisa e do trabalho como elementos norteadores.

As continuidades entre os textos são variadas. Independentemente da temática de trabalho nosso olhar se deu para as curiosas e potentes relações estabelecidas no processo de investigação. Do digital a imagem. Da migração ao trabalho. Das artes as formas de produção de políticas públicas na cidade. Todas estas foram *insights* que os autores e autoras exploram em seus artigos e nos coube conectá-los e apresentá-los da forma mais lógica e pedagógica para o leitor da Revista Iluminuras.

Por fim, concluímos que as conexões criativas dos trabalhos com eixos citados nos ajudam a pensar novas parcerias de pesquisa e formas de contato com subjetividades na cidade. Se o tema de como estabelecer uma relação ética e, mais especificamente, como descrever as formas de relação com interlocutores-chaves é importante na pesquisa social, esse dossiê aponta para caminhos interessantes de serem interpretados. Enfim, se subjetividades de atores sociais urbanos têm suas especificidades, as maneiras de descrevê-las também têm. Talvez este seja tenha sido o nosso grande desafio: apresentar um painel possível de formas de relações com interlocutores enraizados no meio urbano e, deste modo, apresentar expor formas de contato com a alteridade na investigação social na cidade.

Referências

- AGIER, Michel. Distúrbios identitários em tempos de globalização. *Mana*, v. 7, p. 7-33, 2001.
- AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade. Papiрус Editora, 2007.
- BECKER, Howard. A escola de Chicago. *Mana*, v. 2, p. 177-188, 1996.
- BRONISLAW, Malinowski. *Les argonautes du Pacifique occidental*. 1989.
- CARVALHO, Rui e PEREIRA, Ana. 2008. «PercursoS alternativos – o parkour enquanto fenómeno (sub)cultural». *Revista Portuguesa de Ciências do Desporto*, 8: 427-440.
- CHANEY, David. *Lifestyles*. Routledge, 2012..
- DURHAN, Eunice R. *A caminho da cidade: a vida rural e a migração para São Paulo: São Paulo*. Perspectivas, 1973.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Antropologia da e na cidade: interpretações sobre as formas da vida urbana. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. Rastros da e na cidade: antropologia urbana e da imagem. Rastros: revista do Núcleo de Estudos em Comunicação. Joinville, SC. Vol. 10, n. 12 (nov. 2009), p. 9-24, 2009.

FERRO, Lígia . Da rua para o mundo: etnografia urbana comparada do graffiti e do parkour. 2016.

FONSECA, Claudia. Classe e a recusa etnográfica. In. FONSECA & BRITES (orgs.) Etnografias da participação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2006.

FRÚGOLI JR, Heitor; SPAGGIARI, Enrico. Networks and territorialities: an ethnographic approach to the so-called cracklândia [" crackland"] in São Paulo. Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology, v. 8, p. 550-579, 2011.

GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a gestão da identidade estragada. Simon e Schuster, 2009.

HANNERZ, Ulf. Explorando a cidade: em busca de uma antropologia urbana. Editora Vozes Limitada, 2015.

HARRIS, Olivia. What makes people work? In. ASTUTI, R., PARRY, J. e STAFFORD, C. Questions of Anthropology, pp. 137- 165. Oxford: Berg, 2007.

INGOLD, Tim. Chega de etnografia! A educação da atenção como propósito da antropologia. Educação, v. 39, n. 3, p. 404-411, 2016.

OCEJO, Richard E. Urban Ethnography: Legacies and Challenges. Bingley: Emerald.

LEITE LOPES, José Sergio. Uma experiência da flutuação histórica do tema “trabalho” na Antropologia. Theomai, núm. 24, 2011, pp. 1-10.

LITTLE, Paul E. Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade. Anuário antropológico, v. 28, n. 1, p. 251-290, 2003.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana. Revista brasileira de ciências sociais, v. 17, p. 11-29, 2002.

PEIRANO, Mariza. Etnografia não é método. Horizontes antropológicos, n. 42, p. 377-391, 2014.

RANCIÈRE, Jacques. Políticas da escrita. Editora 34. 1995.

VELHO, Gilberto. 1994. Projecto e Metamorfose: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

VELHO, Gilberto. Um antropólogo na cidade: ensaios de antropologia urbana. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2013.

WHYTE, William Foote. Sociedade de Esquina:[Street Corner Society] A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2005.